

# **YBYSOROC<sup>1</sup>: UM HOMEM, UMA CAPELA, UMA RELIGIÃO**

Karen Alessandra de Simone<sup>2</sup>

## **Introdução**

Do Cafundó para o mundo, de escravo bêbado a médico dos pobres, de um “zé ninguém” a um conceituado milagreiro de renome internacional, de um homem simples a tema de escola de samba, assim foi a trajetória de João de Camargo Barros, mais conhecido como João de Camargo, da cidade de Sorocaba, interior de São Paulo, nos anos de 1858 a 1942.

João de Camargo, na visão de muitos, foi um missionário, compositor, médium, curandeiro, também conhecido como médicos dos pobres, santo popular, milagreiro, Papa Negro e preto-velho. Estes são algumas das muitas características e nomes que circundam esta figura mística, que numa cidade do interior revolucionou o seu tempo ao construir uma capela, a Capela do Senhor Bom Jesus do Bonfim da Água Vermelha, gerando desta forma uma proto-religião que até então não existia. Sua religião articula elementos africanos, católicos e espíritas, com um toque de protestantismo e reproduz em escala reduzida os processos religiosos do Brasil no século XIX.

Já a Capela construída traduz todos esses elementos, os quais podem ser comprovados desde o tipo de construção, formato e cores do chão até o teto, bem como a imensa profusão de imagens que a preenchem. Imagens de todos santos católicos, bem como das religiões afros podem ser vistas em seu interior, e, atualmente é possível encontrar até algumas imagens de entidades orientais, tais como Sidarta Gautama (conhecido como Buda).

---

<sup>1</sup>Termo indígena que indica terra rasgada, mais tarde acaba por formar a palavra Sorocaba (Sant'Anna: 2013:56; Campos; Frioli:1999:44)

<sup>2</sup> Aluna do Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Mackenzie.

Essa religião, oriunda de João de Camargo, já conta atualmente com aproximadamente cerca de 70.000 devotos locais, nacionais e internacionais, sendo sua capela visitada por todo tipo de gente, desde árabes, nipônicos, indianos, americanos ou europeus, conforme informações fornecidas pelo zelador da capela. Ademais, a mesma ainda recebe grupos de estudantes ou pessoas que queiram simplesmente conhecer o local e admirar a construção.

Sães (1998: 151) descreve a realização de João de Camargo da seguinte forma: *Ele nos fornece um modelo em escala: uma religião que assimila os elementos heterogêneos de todo um processo histórico nacional, mas com um fundador, um templo e um santo central, tudo isso no meio discreto de uma pequena cidade do interior. O próprio túmulo de Camargo, uma maquete do seu templo, parece uma prova final da sua capacidade de síntese.*

Seus feitos e sua fama percorreu o mundo, sendo dedicadas poesias, composições musicais, filme, desenhos e até um samba enredo. Muitos historiadores, pesquisadores e escritores escreveram sobre ele, tais como José Carlos de Campos Sobrinho e Adolfo Friolli: "João de Camargo de Sorocaba: o nascimento de uma religião" (Editora Senac-1999), Florestan Fernandes: "O Negro no Mundo dos Brancos - Contribuição para o estudo de um Líder Carismático" (Difusão Européia - SP - 1964); Genésio Machado: "João de Camargo e seus Milagres"; Roger Bastide: "Estudos Afro-Brasileiros" (Ed - Perspectiva - SP - 1983); "A Macumba Paulista" (Biblioteca das Ciências Sociais - SP - 1985); Sandra Regina Corrêa: "O culto Religioso de Nhô João de Camargo" (Tese de Mestrado, Universidade Fed. Bahia); Gaspar A. F.: "O Mistério da Água Vermelha" Sorocaba - 1927), entre outros tantos. Esteve citado diversas vezes em reportagens de jornais como o Cruzeiro do Sul, de Sorocaba; O Malho, do Rio de Janeiro e até mesmo no Corriere Della Sera, na Itália.

O mito João de Camargo descreve o imaginário da época e nos mostra uma parte histórica vivida pela cidade de Sorocaba. Ele faleceu, porém seu mito ficou eternizado no imaginário de seus devotos e admiradores, os quais o consideram como um santo e continua ainda atraindo até hoje novos seguidores, tornando-se um mito ainda vivo e popular na região desde o início do século passado.

# 1. Biografia

## 1.1 Um pouco da História...

A mão-de-obra escrava negra foi introduzida no Estado de São Paulo no final do século XVII e principalmente no início do século XVIII, em consequência do declínio da mão-de-obra indígena. A economia também sofreu mudança nesse período, se destacando agora a produção de café e algodão, dando origem aos latifúndios escravagistas agroexportadores.

Sant'Anna (2013:66) pondera que “a mudança de padrão produtivo fez deslocar aquelas estruturas societárias originais para regiões cada vez mais periféricas, para dar espaço e vez às macros-estruturas, agroexportadoras e suas correlatas praças urbanas de comercialização e vias de escoamento de mercadorias para outros centros, e de lá para o exterior”.

É nesse contexto que Sorocaba, surge como um importante centro de comércio, devido ao seu posicionamento geográfico estratégico, tendo como um de seus referenciais a compra e venda de mulas xucras vindas do sul do país, através da famosa Feira de Muares, que ocorreu desde 1734 até 1897. Mas não foi somente com o negócio das mulas que Sorocaba despontou. Com o passar do tempo, a cidade se modernizou e devido a sua posição geográfica, passou a investir em outros negócios. Em 1875 é inaugurada a Ferrovia Sorocabana; com o declínio da Feira de Muares, há a implementação do cultivo de algodão para exportação, principalmente para os Estados Unidos, que estava em guerra.

Nesse período algumas famílias sorocabanas se destacaram, como os Matarazzo, Scarpa, Camargo Correia, Maylasky, entre outras.

A importância política e econômica de Sorocaba chegou ao seu auge entre os anos 1880 a 1887, quando o tráfico negreiro se encontrava em declínio e os abolicionistas exigiam a libertação dos negros:

“Oito anos antes da Abolição dos Escravos. As lutas a favor da Abolição já tinham sido iniciadas em todo território nacional. Sorocaba se destacou neste período histórico porque a abolição aconteceu aqui seis meses antes da Princesa Isabel oficializá-la. Enquanto em muitas cidades brasileiras achavam-se em andamento os trabalhos destinados para o Dia da Abolição, 13 de maio, Sorocaba já o tinha realizado nos festejos do Natal de 1887, data em que ficou decidida a libertação de 460 escravos existentes na cidade.

Em janeiro de 1886, completou-se em todo o país um censo popular para registrar a população escrava através das ordens do Governo Imperial. Naquele ano ficou constatado que em Sorocaba a escravatura estava em declínio.

[...]

Em dezembro de 1887, os emancipadores, tendo à frente Nogueira Padilha, foram dialogar com cada proprietário de escravo. Tudo isto ocorreu num desfecho positivo. “Em 22 de dezembro muitos donos de escravos espontaneamente libertaram seus escravos” (Castro e Lombardo, 1995, p.19)

Sorocaba, portanto, despontou perante o país em diversos aspectos: com o comércio de mulas xucras, logo após como sede da Ferrovia Sorocabana, depois com o cultivo de algodão e as indústrias têxteis, e principalmente pela libertação precoce dos escravos. Porém, também enfrentou durante o século XVIII e início do século XIX diversas crises como: enchentes constantes, epidemias de febre amarela, gripe espanhola, cólera, varíola e troca de mão-de-obra escrava pela mão-de-obra assalariada, empregando em sua maioria, imigrantes espanhóis. E é nesse contexto que encontramos nosso personagem principal, que traz uma nova esperança para aqueles que já não a tinham, dando início a um novo movimento, que extrapolaria fronteiras, sendo reconhecido, inclusive, internacionalmente.

## **1.2 A cruz de Alfredinho**

Antes de adentrarmos na história de João de Camargo cumpre trazer a memória um fato que marcaria profundamente sua vida e seu ministério religioso.

No ano de 1859, em Sorocaba havia uma estrada que os antigos chamavam de “Estrada da Água Vermelha”, pois quando chovia, formava-se um barro avermelhado que manchava as botas e roupas de quem passava por ali. No alto da mesma havia um córrego, que também levava seu nome. As casas ao redor eram poucas e bem esparsas. Neste pequeno povoado vivia a família do português José Buava, que exercia o ofício de padeiro da cidade.

José Buava era casado e tinha filhos. Dentre eles, Alfredinho que na época contava com oito anos de idade; um menino alegre, vivo e muito esperto. Certo dia, seu pai lhe pediu para que entregasse umas encomendas nos bairros Ipatinga, Cerrado e Vossoroca. Alfredinho atendeu o pedido prontamente.

Todavia, após finalizar a tarefa incumbida por seu pai, levou seu cavalo para pastar no alto do córrego da Água Vermelha, passando pelo Mosteiro São Bento, e seguindo pela Rua Cesário Motta. Ao passar pelas Ruas Santa Gertrudes e Baraúna, seu cavalo se assustou e disparou sem controle. O menino perdeu o equilíbrio e ficou preso nas amarras do cavalo, que o arrastou por todo canto, deixando um rastro de sangue por onde passou e que escoria para o riacho, “fazendo nascer com sua imolação, o córrego da Água Vermelha, fonte de vida muitos anos depois” (Campos; Frioli: 1999; 120).

Alfredinho foi encontrado horas depois do acidente, pelo escravo Firmino André. Seu corpo estava totalmente desfigurado e mutilado. No local onde encontraram seu cavalo com os restos de seu corpo, os seus pais ergueram uma cruz, ficando esta conhecida pelos populares como a Cruz de Alfredinho. Também foi erigida uma capelinha para proteger a cruz, chamada de Capelinha do Negro André, em homenagem ao escravo que o encontrou.

Tal personagem e local tiveram influência importantíssima durante a vida de João de Camargo, fazendo parte da revelação mítica que lhe ocorreria mais tarde.

### **1.3 João de Camargo**

Muitos historiadores divergem quanto a exatidão da data de nascimento de João de Camargo, sendo que neste trabalho usaremos a data que Campos e Frioli (1999:99) consideram em sua obra. Segundo estes autores, o nascimento de João se deu na fazenda de Luís de Camargo Barros e Ana de Camargo Barros, no “Cocoes”, em 16 de maio de 1858, sendo ele, filho da escrava Francisca e de pai incógnito, nascido na cidade de Sarapuí, região de Sorocaba, interior de São Paulo.

Foi batizado na Igreja Matriz Nossa Senhora das Dores de Sarapuí, recebendo o sobrenome de seus senhores, os Camargo Barros. Lá na fazenda cresceu junto de sua mãe, a Nhá Chica<sup>3</sup> ou Tia Chica, aprendendo diversos rituais de cura e reza de seus ancestrais e desenvolvendo outras habilidades místicas. Aprendeu também os serviços domésticos gerais da casa grande, principalmente o de cozinheiro, como quituteiro.

---

<sup>3</sup> Apesar de ter o mesmo nome, não se deve confundir a Nhá Chica mãe de João de Camargo com Nhá Chica, também filha de escravos, beatificada em 2013, cuja capela se situa em Baependi, Minas Gerais.

Também foi na fazenda, que foi iniciado por Luís e Ana de Camargo Barros no catolicismo, aprendendo a respeitar as imagens, a devoção aos santos, e tendo aulas de catecismo, apesar de nunca ter sido alfabetizado. João acompanhava o casal Camargo Barros, nas missas dominicais, ajudava nos serviços religiosos e gostava ouvir principalmente as missas em latim do padre João Soares do Amaral, que mais tarde seria um de seus principais guias espirituais. Pode-se dizer que a influência D. Ana e de Tia Chica tiveram em João de Camargo foi fundamental na constituição de sua identidade religiosa, revelando-se através de seus ritos e de sua crença.

Quando adulto, João deixou a casa grande e foi para a senzala, passando por todos os percalços de um escravo comum, incluindo todas as amarguras e dificuldades da escravidão. Neste período, adquiriu o vício do alcoolismo que lhe acompanhou durante muito tempo de sua vida, tornando-se álcool, seu principal “companheiro”, principalmente nos momentos de dificuldade financeira e desilusão amorosa.

Como já mencionado anteriormente, Sorocaba foi uma das cidades que antecederam a data oficial da Abolição da escravatura, nesse período João de Camargo, já morava em Sorocaba e contava com os seus quase trinta anos, um homem vivido, cheio de experiências, analfabeto, porém com muita vontade de viver.

João tentou de tudo: serviços domésticos de manutenção, lavoura, ajudante no jornal, ajudante na olaria de Júlio Ribeiro, até vida militar, alistando-se em 1893. Casou-se em julho de 1895, com uma mulher branca, chamada Escolástica do Espírito Santo Maduro.

Seu casamento durou cinco anos, quando após uma traição de Escolástica, o casal se separou, levando João a afundar-se mais no vício do alcoolismo, ficando durante várias horas do dia, sentado na mesa do bar, tomando sua *caninha*(aguardente). Era convicção de todos os seus conhecidos que Escolástica havia se mudado para o Paraná, onde falecera. Mais tarde isto se mostrou uma inverdade, pois a mesma reapareceu em Sorocaba após o falecimento de João de Camargo.

Foi durante esse período que uma epidemia de febre amarela devastou a cidade de Sorocaba, levando ao esvaziamento da cidade, que ficou quase deserta. Tal peste durou de 1897 até o início do século XX, quando sanitaristas, dentre eles Osvaldo Cruz

conduziram medidas preventivas que levaram depois de algum tempo à erradicação da doença, em 1900.

Em 1899, a doença da febre amarela tornou a assolar Sorocaba novamente durante as comemorações natalinas (Campos; Frioli:1999:148). Nos primeiros meses de 1900, já havia dezenas de mortos, trazendo pânico e terror aos cidadãos. Todavia, tal doença também estava com seus dias contados, pois um dos famosos médicos da época, Emilio Ribas, veio da capital até Sorocaba, somando esforços aos que já atuavam desde o primeiro surto da doença, prescrevendo medidas que impediram sua propagação.

Fato curioso é que muitos dos moradores negros de então associaram o término da doença ao Monsenhor João Soares do Amaral, padre que na época se dedicava a cuidar dos doentes e desvalidos, parecendo em sua interpretação, um “Obaluaiê”<sup>4</sup> branco (Campos; Frioli:1999:150). Em 1900, durante a segunda onda de surto da febre amarela na cidade, o Monsenhor trouxe da Capela de Aparecidinha, bairro de Sorocaba, a imagem de Nossa Senhora Aparecida e fez uma oração fervorosa em frente da igreja matriz pedindo o término da epidemia, o que logo depois, aconteceu.

Muitos que não acreditavam nos sanitaristas, associaram o término da doença com a oração do pároco a qual havia sido atendida. Outros historiadores contam do surgimento da crença de que o término da doença na cidade se devia ao falecimento do padre, em 21 de fevereiro de 1900 (Campos; Frioli: 153), vitimado pela febre amarela, doença da qual pediu a Deus a libertação da cidade.

João de Camargo quando ainda estava casado mudou-se de Sorocaba para o bairro da Ilha, em Salto de Pirapora, voltando à Sorocaba após a sua separação. Durante o período do segundo surto da doença, sempre estava acompanhado do álcool. Costumava rezar onde houvesse uma cruz, pela alma de quem havia falecido e exercia suas práticas de cura através das ervas e das rezas. Gostava principalmente de acender velas na Cruz de Alfredinho, na qual tinha sempre a sensação de ouvir uma voz a lhe falar.

Em uma noite de 1906, João estava bebendo, meditando e rezando na Cruz de Alfredinho, o menino que morrera de forma trágica em seu cavalo, quando adormeceu de

---

<sup>4</sup> Termo usado para designar o orixá Omulu, da Umbanda (Campos; Frioli:1999:150)

cansaço. Acordando com o som dos trovões e brilho dos relâmpagos, teve uma visão. Desta visão nasce seu mito<sup>5</sup> da revelação.

Camargo acordou com uma voz que lhe dizia:

*“Ainda continuas a desobedecer-me? Será que não entendes?”*

*“Será que não queres mesmo cumprir as ordens que trago do Altíssimo? Vamos, João!”*

Ele olhava assombrado a mulher que tinha um rosto bonito e estava envolvida por uma auréola de brilho. Ela continuava a lhe falar:

*“Vamos, João, põe fora essa garrafa!”*

*“Prepara-te para receber a incumbência de uma missão para a qual foste eleito pela bondade e misericórdia de Deus” (Sant’Anna:2013:75)*

Diante da experiência com o numinoso, do terrível e maravilhoso, João entra em pânico e tenta tirar a própria vida correndo para o córrego da Água Vermelha. Porém impedido pois escuta novamente a voz a lhe dizer: *“Que fazes, João? Isso é um pecado! Pára e reflete!”* Então voltou para a cruz de Alfredinho, caiu de joelhos e pediu perdão, submetendo-se ao sobrenatural. (Campos; Frioli:165; Sant’Anna: 75)

A mulher da visão continuou a dialogar com João de Camargo, dizendo que era ela que o levava a acender todas as tardes as velas na Cruz de Alfredinho, preparando-o desta forma, para cumprir sua missão. A seguir, instrui João a ir para Serra de São Francisco, onde receberia o restante de sua missão.

Assustado e maravilhado, sem compreender direito tudo aquilo que estava acontecendo, obedeceu e foi à Serra de São Francisco. Chegando lá, novamente voltou a ouvir a voz que lhe dizia:

*“João, não te perturbes. Sou um emissário de Deus. Venho ensinar-te o caminho do bem e da caridade. Deverás cumprir a tua missão. Sai destas matas. Volta ao local de onde vieste e ergue uma igreja defronte ao regato da Água Vermelha. Ali, onde está aquela cruz, longe do bulício da cidade, distante das orgias e das iniquidades, levantarás um altar para o fim de prodigalizar benefícios àqueles que deles necessitarem.*

*Mas como hei de fazê-los?*

*Não duvides, João. É dentre os humildes que Deus escolhe aqueles que devem mostrar ao mundo suas forças. Não esmoreças. Levanta-te e acompanha-me até a cruz da Água Vermelha. Tens que acender lá cinco velas, mais quatro na*

---

<sup>5</sup> Mito aqui deve ser lido como uma narrativa tradicional com caráter explicativo e/ou simbólico para uma dada religião ou cultura. “O mito designa uma ‘história verdadeira’ e, ademais extremamente preciosa por seu caráter sagrado, exemplar e significativo.” (Eliade,2010:7)

*cruz do enforcado e mais outras ainda em diversos lugares que eu te indicarei quando lá chegarmos.*

*Mas quem és tú que me falas assim?*

*Logo mais o saberás. Anda! Vem, não te demores! Precisas começar hoje mesmo tua sagrada missão. As luzes iluminarão tuas vistas e verás assim todos aqueles que irão amparar, guiar e proteger-te.”(Sant’Anna:2013:76)*

Então fez-se silêncio, como se estivesse passando por um grande espasmo da transição da vida para a morte (Campos; Frioli: 167) e em meio a um clarão lhe apareceram três figuras envoltas por uma música misteriosa: um menino loiro, uma mulher parda e baixinha e um homem negro, que pouco antes de desaparecer, transformara-se em um sacerdote católico, a quem João reconheceu como o Monsenhor João Soares do Amaral.

João identificou as três aparições como Alfredinho, Nossa Senhora Aparecida e São Benedito, a quem João chamava de Rongondongo<sup>6</sup>. Quando este transforma-se em Monsenhor João Soares do Amaral, João recebe a ordem de voltar para a casa. Após a aparição, João consideraria o espírito de Monsenhor João Soares do Amaral seu mentor e guia durante toda a sua vida e ministério.

Camargo foi até a Cruz de Alfredinho, cumprir o que lhe fora ordenado na sua revelação mística, quando teve novamente uma outra visão com o menino, ferido como no dia do fatídico acidente. Depois o mesmo lhe apareceu novamente sem qualquer ferimento, dizendo para não ter medo, fazer tudo o que ele ordenaria e erguer uma ali uma igreja consagrada a Nosso Senhor Jesus do Bonfim.

A partir deste mito da revelação, João de Camargo começou a realizar *ipsis litteris* o que lhe fora ordenado. Da mesma forma, durante todo o trajeto de sua vida cumpria os desejos das vozes que frequentemente ouvia.

A capela foi erguida no ano seguinte, em 1907, em um terreno doado por seu primo, Pedro de Camargo e sua esposa Maria Rosa, com registro em cartório. Os recursos vinham de todo canto e João começou a construir em torno da capela um complexo que mais tarde iria se tornar um vila, abrigando as mais diversas pessoas. Sua fama correu o mundo e atravessou fronteiras, com a fama de suas curas e milagres chegando até a Europa.

---

<sup>6</sup>Nome usado por João de Camargo, secretamente para designar o Padre Monsenhor João Soares do Amaral

Um fato curioso aconteceu em meados dos anos 30, conforme Campos e Frioli (1999:207/208) relatam: um grupo de protestantes teria solicitado permissão a João de Camargo para realizar cultos de evangelização na sua capela, o que teria sido permitido tendo João, inclusive, participado de alguns. Tal grupo seria formado por presbiterianos, metodistas e batistas. Todavia, tal associação durou pouco e logo os protestantes pararam de realizar seus cultos no adro da capela, provavelmente devido aos seus dogmas que não coadunavam com algumas questões da capela, como por exemplo a presença de imagens em seu interior. Este fato revela um componente a mais na formação da identidade religiosa de João de Camargo, bem como seu caráter ecumênico e tolerante às outras religiões, sem jamais perder de vista a sua proto-religião e identidade única.

Todavia, toda essa fama acabou por despertar a raiva e inveja de setores poderosos da cidade, incluindo a Igreja Católica, gerando diversas perseguições e acusações que culminaram em 1913, com seu processo-crime sob a acusação de curandeirismo, do qual foi absolvido. Para acabar com as perseguições e acusações de curandeirismo, João abriu uma Associação Espírita, introduzindo assim em suas práticas mais um componente: o espiritismo.

Sáes (1998: 142) descreve os últimos atos deste mito:

*“João de Camargo promoveu uma série de ações que favoreceram a comunidade negra local - desde a construção de casas até a fundação de uma banda musical composta por negros - e possibilitou o povoamento do bairro, então periférico. Ele mesmo continuou uma vida modesta e dedicada exclusivamente ao seu ministério; não casou-se de novo nem teve descendência. Sua morte, em 28 de setembro de 1942, foi motivo de um incidente muito comentado pela imprensa local, quando a Igreja Católica, que ele frequentava em vida, fechou as portas de seus templos na passagem do multitudinário funeral.*

*O túmulo de João de Camargo reproduz em pequena escala seu templo e é lugar de culto, dotado de um corredor que possibilita a passagem de uma fileira de devotos. O líder religioso que começou sua carreira no culto roceiro das almas foi por sua vez convertido pelo povo devoto em corpo santo”.*

A sua morte também virou notícia de jornais. *O Comércio*, datado de 30 de setembro de 1942, 3ª Edição, Ano IV, nº 542, publicou três reportagens: com autoria de José Barbosa Prado : *Grande massa popular acompanhou respeitosamente os restos mortais de João de Camargo – Manifestações de reconhecimento ao solitário da Água Vermelha – Seis mil pessoas – Traços Biográficos do extinto*; com autoria de M. Barreto

Junior : *Um homem bondoso que desaparece...*, e com autoria de Genésio Machado: *Um bom e um justo*.

Após sua morte, a Capela Bom Jesus do Bonfim ficou fechada durante cinco anos por questões judiciais. Aex-esposade João de Camargo, Escolástica do Espírito Santo, reapareceu exigindo a sua parte no espólio, causando grande crise em seus seguidores. Após este período, o templo foi reaberto, porém já não haviam discípulos diretos de João de Camargo, pois Natalino, o seu sucessor, também falecera sem deixar alguém a dar continuidade a sucessão. A direção da capela foi então assumida pela Associação Espírita que até hoje cuida do lugar e mantém viva a religião de João de Camargo.

E assim se encerrou a vida deste “Preto Velho”, que iniciou uma transcaticidade caipira (Sant’Anna:2013:78), que se encontra presente até os dias de hoje, sobrevivendo no mito João de Camargo.

## **2. Construção do herói**

João de Camargo, o místico negro, conhecido também como “Papa Negro” ou “Preto Velho de Sorocaba” (Carvalho:2000:10), desde muito cedo foi fortemente influenciado por histórias míticas, que marcam a sua identidade cultural caipira. É possível perceber em sua trajetória de vida a presença de diversos elementos mitológicos, como por exemplo, a figura do negrinho do pastoreio, de origem gaúcha, que aqui se metamorfoseia no menino Alfredinho.

Outra importante história mítica, conforme Campos e Frioli (1999: 180/181) é a do monge do Ipanema, Giovani Maria D’Agostini ou mais conhecido como Padre José Maria que realizou diversos feitos místicos, deixando diversas memórias esotéricas e religiosas, com elementos de clarividência, profecias e curas, sendo considerado por alguns como um precursor de João de Camargo.

Além desses mitos gaúchos trazidos provavelmente com os comerciantes da Feira de Muares, João de Camargo também sofreu a influência do catolicismo, sendo iniciado na fé por seus senhores, os Camargo Barros, que lhe ensinaram o catecismo e o faziam participar de festas católicas e missas em latim do Monsenhor João Soares da Amaral.

Tudo isso explica em parte suas falas, entremeadas de fórmulas católicas e termos latinos deformados, bem como a presença de diversos santos católicos e a aparição de Nossa Senhora Aparecida ao mesmo.

Não obstante, também recebeu influência forte das religiões afro, sendo iniciado por sua mãe, Nhá Chica, que lhe ensinou rituais, rezas e práticas de curas com ervas aprendidas com seus ancestrais, podendo isso ser facilmente percebido, nas imagens que compõem o altar de sua capela, bem como em suas práticas curativas.

O filme Cafundó, do diretor e ator, Paulo Betti, ressalta bem essas influências, principalmente das religiões afro, quando mostra João de Camargo e Nhá Chica a caminho do quilombo Cafundó, localizado em Salto de Pirapora. Na cena, Nhá Chica se detém e faz uma reza na Cruz de Alfredinho e outra quando chegam ao quilombo. Observa-se também em outra cena do filme a representação de Nhá Chica realizando rituais de origem africana para a cura de uma criança. Outra cena importante que demonstra estas influências religiosas em João de Camargo é de quando seu personagem vê Escolástica, a quem chama de Rosário, numa referência a Nossa Senhora do Rosário.

Apesar da qualidade do filme, este não retrata com total veracidade e integralidade a vida de João de Camargo em seus detalhes, focando principalmente em demonstrar sua relação com as religiões de origem africana, o que é enfatizando constantemente em todo o filme.

Quando adulto, João tem a vida extremamente confusa, mudando constantemente de emprego. Sua vida amorosa é curta e infeliz; seu vício no alcoolismo, o deixam “imprestável” para ganhar o pão do dia-a-dia; tudo isto reflete no seu caráter como líder religioso. Do catolicismo oficial ao popular, passando pelo espiritismo, Camargo se torna beato, médium, culminando atualmente como santo e entidade espiritual.

Campos e Frioli (1999: 210) ponderam que a religião de João de Camargo era simples na aparência e na prática, mas que suas origens são múltiplas, com um emaranhado de fontes que remetem a complexas discussões culturais, antropológicas, teológicas, étnicas e até linguísticas.

Assim, podemos dizer que João de Camargo teve dois momentos sincréticos na sua vida que constituíram a base de seu ministério. O primeiro momento de sincretismo

é entre o catolicismo e as religiões afro que o acompanharam por toda a vida, se refletindo principalmente na construção de sua capela, que desde o chão até o teto contém uma mistura de símbolos católicos e afros. Em meio ao caos aparente, pode-se notar uma certa ordem oculta: uma ordem de inspiração afro-brasileira. A Capela é dedicada ao Bom Jesus do Bonfim, que na verdade é transunto de Oxalá<sup>7</sup>. Em sua constituição há sete portas, que se referem a sétima Linha das Almas da Umbanda, referente aos pretos velhos, espíritos dos africanos (Campos e Frioli: 1999:233). Ademais João de Camargo recolhia pedras brancas e pretas para utilizarem seus rituais e na construção da capela. Estas pedras, bem como os azulejos brancos e pretos que compõem as paredes e o chão da capela, numa disposição em xadrez revelam-se como, cores dedicadas a Omulú/Obaluaie<sup>8</sup>. Além disso, Camargo dedicava cada dia a um santo, em um paralelo com o calendário africano. (Sáez: 1998;147)

Já em um segundo momento de sincretismo temos o resultado da união destas duas religiões, católica e afro-brasileira, com o espiritismo, que na década de 1910 a 1920 se aproximou fortemente de Camargo fornecendo-lhe, em troca, uma mediação com a sociedade e o Estado, que o perseguiam no início de seu ministério. O espiritismo entrou em um estado simbiose com as outras duas religiões, marcando assim, a vida do médium, demonstrando a capacidade de absorção e de assimilação destes elementos na religião que João estava gestando.

Sáez (1998: 149) afirma que Camargo tinha plena consciência do valor de sua imagem e a utilizava como ninguém, sendo muito mais que uma idiosincrasia. em lugar de suas falhas, era sua virtude que era posta em destaque, o foi muito bem aceito pelos seus amigos espíritas e pela sociedade dos arredores de sua capela.

Desta forma, foi sendo construída a imagem de João de Camargo, que tem em sua essência o catolicismo popular rural, somando-se a umbanda e o espiritismo, dando origem a uma transcatolicidade caipira e única em sua maneira de ser, de onde surge o

---

<sup>7</sup> Na Umbanda, Oxalá, divindade de origem nagô-iorubá, o senhor do branco, responsável pela criação do mundo foi sincretizado em Jesus, na figura de Nosso Senhor do Bonfim.

<sup>8</sup> Termo usado para designar o orixá Omulu, da Umbanda (Campos; Frioli:1999:150)

“Preto Velho” ou o “Papa Negro” de *YbySoroc*<sup>9</sup>. Aos poucos, principalmente após sua morte, o João de Camargo humano vai deixando de existir, para dar lugar ao João de Camargo divinizado, tornado em mito.

### **3. Análise mítica sobre João de Camargo**

O mito desde os tempos mais remotos e primordiais sempre esteve presente na história da humanidade e no imaginário do homem. Eliade (1979:33/34) acredita que determinados mitos e símbolos circulam através do tempo, dependendo de cada cultura, sendo criações culturais complexas, muito bem elaboradas, que surgem muito além do lugar e do tempo em que foram criados, sendo assimilados e moldados de acordo com a cultura do povo onde foram inseridos, pois caso contrário jamais teriam se mantido. Afirma ainda, que os mitos, ritos e símbolos sempre revelam uma situação histórica, quando o homem tomou ciência do seu lugar no mundo.

João de Camargo representa de fato um mito, pois por quase meio século, realizou curas, desenvolveu seu trabalho místico que culminou com a construção da Capela e de uma religião misteriosa. Também relacionou-se com meio político e cultural de sua época, inclusive com grande contribuição no equilíbrio pessoal e familiar no meio social, dando muitas vezes lugar e sentido de vida aos negros libertos e desvalidos da região de Sorocaba, através de sua religião sincrética e de sua missão.

Campbell (1990:14) entende que o mito seria uma tentativa de explicar o mundo, através das experiências de vida, de modo que estas reflitam não apenas no plano físico, mas também interiormente. Já Oliveira e Lima (2006), em seu artigo “O mito na formação de identidade” afirma que o mito é a tentativa de dizer o indizível, de mostrar o sagrado, o mistério, os deuses, experiências essas vividas por um indivíduo ou grupo. Portanto, o mito é a narrativa dos entes sobrenaturais que alimenta e dá sentido a vida de determinados grupos ou indivíduos. Para tentar entender João de Camargo é necessário

---

<sup>9</sup>Termo indígena que indica terra rasgada, mais tarde acaba por formar a palavra Sorocaba (Sant’Anna: 2013:56; Campos; Frioli:1999:44)

voltar no tempo e compreender a época em que tudo ocorreu, uma sociedade do passado, bem como uma tentativa de explicar o inexplicável, uma vez que o numinoso não pode ser explicado, mas sim experimentado (Otto:2007:44).

Além disso os mitos, conforme Campos e Frioli (1999:175), são capazes de revelar a identidade dos homens e também de uni-los num objetivo comum, possibilitando o retorno às suas origens, fertilizando caminhos esquecidos, fornecendo elementos para uma retomada da identidade cultural e renovando a memória coletiva com seu conjunto de ideias, obras e histórias. João de Camargo não foi apenas um homem que teve uma experiência com o sobrenatural, mas também viveu esta experiência e conseguiu reunir em torno de si, um grande número de seguidores que também puderam vivenciar um pouco de sua experiência, tanto religiosa, como cultural e social.

Na vida e obra de João de Camargo podemos encontrar diversas etapas que o construíram como um mito, principalmente aquela denominada por Campbell de monomito ou Jornada do Herói, as quais devido a diversas provas, iniciações e experiências transformaram sua vida de individual em coletiva.

Assim, podemos analisar a vida e obra de João de Camargo traçando desta os possíveis padrões em cada etapa do mito do herói. Apesar de Proença (2014:7), estabelecer uma análise do monomito em doze passos a partir do filme *Cafundó*, tomaremos aqui como base para nossa análise, a estrutura de Campbell, que envolve três etapas básicas na Jornada do Herói: partida, iniciação e retorno.

### **Partida**

Desde o seu nascimento até completar seus quase trinta anos de idade, João de Camargo enfrentou a dura realidade da escravidão, viu e vivenciou as dificuldades de Nhá Chica, bem como ele mesmo quando adulto saiu do relativo conforto da casa grande para viver na senzala, passando os mais diversos percalços.

Após a abolição da escravatura, teve que enfrentar situação senão igual, pior, a que estava acostumado, pois os negros praticamente foram arrancados da senzala, para viverem condições de desemprego, discriminação, sem lugar no mundo. E não foi diferente para o nosso herói, que passou por diversos empregos, tendo como companheiro o álcool. Esse era o cotidiano e a realidade que vivia João de Camargo.

Devido a degradação social dos negros após abolição, João resolve se alistar no exército e ir para o sul do país, para garantir sua liberdade, Sorocaba já não é a mesma cidade de antes, o negócio das mulas xucras já se encontrava em decadência, e em ascensão estava a Ferrovia Sorocabana, alterando o quadro econômico da cidade.

Quando de seu retorno da guerra, João se apaixona, porém seu casamento dura muito pouco tempo, concomitantemente, a cidade é assolada por duas epidemias, uma ocorre antes de seu casamento e a outra após, perdurando até 1900. O cenário é de morte e desolação total.

Neste estágio, João chega ao fundo do poço, sem emprego fixo, sem família ou esposa, tendo só o álcool como companheiro fiel. Mesmo assim não deixa de cumprir com os seus rituais de acender velas nas cruzes das estradas, principalmente na de Alfredinho e realizar as suas curas.

Neste ponto da história, o nosso herói cada vez que acendia as velas na Cruz de Alfredinho sempre sentia que havia uma “voz” que lhe dizia para parar de beber, pois o mesmo tinha uma missão a cumprir.

Tendo a partir daqui a revelação, o descortinar de sua missão de vida, João de Camargo acaba por se encontrar com as três visagens (Alfredinho, Nossa Senhora Aparecida, São Benedito ou Rongondongo, que se transforma no Monsenhor João Soares do Amaral) que revelam a sua missão e prometem ajuda-lo na mesma, pois percebem o medo e a recusa de Camargo em aceita-la. Neste momento é despertada a sua consciência mística. O herói está começando a se formar.

João aceita o seu chamado, volta à Cruz de Alfredinho e cumpre o que lhe fora ordenado pelos seus guias. No dia seguinte começa a construção da Capela do Bom Jesus do Bonfim da Água Vermelha, parando inclusive de beber e não retornando mais a este vício. Aqui temos a partida do herói em busca de sua “aventura”.

### **Iniciação**

Uma vez aceito o chamado à aventura, agora começam as suas provações, seus testes, devendo o herói encarar seus inimigos e juntar forças com os seus aliados. Assim ao começar a construção da Capela, ao mesmo tempo que vai ganhando fama, os

poderosos da cidade, bem como a Igreja Católica sentem inveja de seu sucesso. Fato curioso, é quando Nhô João, como é conhecido se depara com um mercenário que vem ao seu encontro para matá-lo, o mesmo resiste a esta provação, vencendo-o, saindo ileso de tal atentado.

Outro fato são os recursos que vão aparecendo magicamente de todo canto para construir a Capela, suprimindo desta forma todas as necessidades. A Capela ganha cada vez mais forma e se torna inclusive mais a frente em uma vila, que abriga todos aqueles marginalizados pela sociedade da época.

Para que tudo isto acontecesse, João de Camargo obedece rigorosamente tudo que lhe é instruído por seus guias, recebendo assim a ajuda sobrenatural, principalmente de Monsenhor João Soares, seu principal guia. Deste ponto em diante, começa a etapa do retorno do herói.

### **Retorno**

Nhô João enfrenta a fúria da Igreja Católica e demais poderosos da cidade. Ele vai preso dezessete vezes, e em 1913, acaba por responder a um processo-crime, torna a ser preso novamente e sua Capela fica fechada por ordem judicial. Todavia, o herói conquista mais uma vitória e sai ileso de sua provação. João de Camargo foi absolvido com a brilhante defesa do advogado Juvenal Parada.

Após sair da prisão em 1913 e de ver sua capela fechada, as provações e testes de nosso herói não pararam. João de Camargo, a semelhança de Cristo, expulsou todos os “mercadores”, que eram seus seguidores do templo, uma vez que estes estavam desviando seus propósitos e mercantilizando a mensagem, suas curas e poderes espirituais.

Camargo agora experimenta uma mudança nos seus guias: para ele, Deus passa agora a ser a “Igreja”, que para ele seria uma espécie de entidade totalizadora de todos os entes sobrenaturais, incluindo Deus e o Espírito Santo. A influência desta nova entidade “Igreja” era tão forte, que a mesma lhe ordenou a mudar o padroeiro da Capela para Senhor Bom Jesus da Água Vermelha, não usando mais Nosso Senhor Bom Jesus do Bonfim da Água Vermelha. Forma-se a partir deste momento uma nova imagem de santo.

O herói neste ponto de sua iniciação acaba por desenvolver a clarividência, telepatia e clariaudiência. Tais habilidades são constantemente relatadas por seus fieis juntamente com suas obras de curas milagrosas. Há também relatos sobre o seu dom de sempre dizer com precisão onde estavam objetos, animais ou pessoas que se encontravam perdidas. Completa-se, desta forma, o ciclo do retorno.

### **Conclusão**

A continuidade de seu culto, com sucessivos testemunhos de fé e de curas milagrosas, mesmo já perpassando mais de 75 anos de seu falecimento, sustentada por seu discípulo Natalino, e depois pela Associação que gere a Capela não deixaram morrer João de Camargo. Mesmo o seu túmulo ainda reflete sua religião e seus feitos, através dos diversos bilhetinhos que são deixados no local, sejam de oração de súplica, ou de agradecimento por uma graça alcançada.

João de Camargo com certeza se tornou e ainda é um mito, pois o seu processo de construção começou desde muito cedo, com sua iniciação nas religiões afro, através de Nhá Chica e no catolicismo com a Sra Ana Camargo Barros. No transcorrer de sua vida muitos foram os testes e as provações, que culminaram com o seu chamado e a revelação de sua missão, em momento de mais profunda miséria e tristeza de sua vida. Uma coisa que sempre se revela nos mitos, é quando os personagens estão no mais profundo abismo existencial, sempre desponta a voz da salvação, onde aparece a mensagem da transformação, surgindo assim a luz em meio a trevas, dando-lhe um novo sentido. (Campbell: 2007:49)

A partir daí, o mito João de Camargo ganha cada vez mais forma, quando começou a construir a sua capela, sua consolidação perante a sociedade sorocabana como milagreiro. Vemos nascer a partir de um simples homem negro, analfabeto e ex-escravo, uma nova religião. Religião esta que tem seus mais 70.000 devotos locais, nacionais e internacionais que ainda creem no milagreiro de Sorocaba, no Papa Negro, no Preto Velho, prestando-lhe culto e alçando inúmeras bênçãos, que podem ser comprovadas através dos testemunhos dos mesmos.

Camargo ainda em vida já tinha a aparência de um “Preto Velho”, pois sempre andava descalço, magro, bem pálido e testa franzida. As suas fotos conhecidas o mostram

muitas vezes sentado sobre um banquinho, pernas levemente cruzadas, cabeça apoiada sobre uma das mãos com o cotovelo apoiado sobre o colo. Se esta imagem deu origem ou reforçou às tantas que se encontram hoje nos terreiros e nas casas de artigos de Umbanda, é algo que merece um estudo mais atento. O fato é que, o João de Camargo biográfico, após a sua morte foi aos poucos esquecido, dando origem ao João de Camargo divinizado, tornando-se na entidade “Preto Velho” das religiões afro-brasileiras (Carvalho:2000:15). Da imagem de uma pessoa a uma que representa uma legião de divindades, tendo um panteão inteiro, dos Pretos Velhos, tendo seu próprio conjunto mitológico, tornando-se ele agora um mito.

### **Bibliografia**

- AMADO, André Miele. *A busca pelo sagrado: O mito do herói e os ritos de passagem*. Anais do X Simpósio ABHR/UNESP – Assis, p. 1-10, 2008. Disponível em <<http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/amado-andre-miele.pdf>>. Acessado em 19 abril 2017
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990
- CAMPOS, Carlos; FRIOLI, Adolfo. *João de Camargo de Sorocaba: o nascimento de uma religião*. São Paulo: Editora Senac, 1999
- CARVALHO, José Jorge. *A religião como sistema simbólico. Uma atualização teórica*. Série Antropologia 285. Brasília: UNB, 2000. Disponível em <<http://dan.unb.br/images/doc/Serie285empdf.pdf>>. Acessado em 19 abril 2017
- CASTRO, Sonia; LOMARDO, Fernando Antonio. *O solitário da Água Vermelha*. Sorocaba: Editora Terra Rasgada, 1995
- ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- SAÉZ, Oscar Calavia. *João de Camargo: sincretismos e identidades*. Revista de Ciências Humanas Florianópolis v.16 n.24 p.138-153 out. de 1998. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/viewFile/23650/21257>>. Acessado em 19 abril 2017
- SANT’ANNA, Silvio Luiz. *Transcatolicidade: contribuições à sociodiversidade brasileira*. 2013. Tese (doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2013. Disponível em

<<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/3493/1/Silvio%20Luiz%20Sant%20Anna.pdf>>. Acessado em 19 abril.2017

OLIVEIRA, Sebastião Monteiro; LIMA, Antonia Silva de. *O mito na formação da identidade.Revista Dialógica, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas, vol. 1, n. 1, p.1-17, 2006.* Disponível em <[http://dialogica.ufam.edu.br/PDF/no1/5mito\\_formacao.pdf](http://dialogica.ufam.edu.br/PDF/no1/5mito_formacao.pdf)> . Acessado em 19 abril 2017

OTTO, Rudolf. *O Sagrado: aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional.* São Leopoldo/ Petrópolis:. Editora Sinodal/ Vozes, 2007

PROENÇA, Regina Maria Gomes de. *A representação da estrutura narrativa mítica na filmografia nacional: Cafundó.* Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Análise de Processos e Produtos Midiáticos do VIII Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura, realizado pelo PPG em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, em parceria com o PPGCom da ECA/USP, na Universidade de Sorocaba – Uniso – Sorocaba, SP, de 6 a 10 de outubro de 2014, incluindo a Semana de Comunicação, 2014. Disponível em <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/01/Regina-Proen%C3%A7a-UNISO.pdf>>. Acessado em 19 abril 2017